

LUIZE VALENTE

SONATA EM AUSCHWITZ



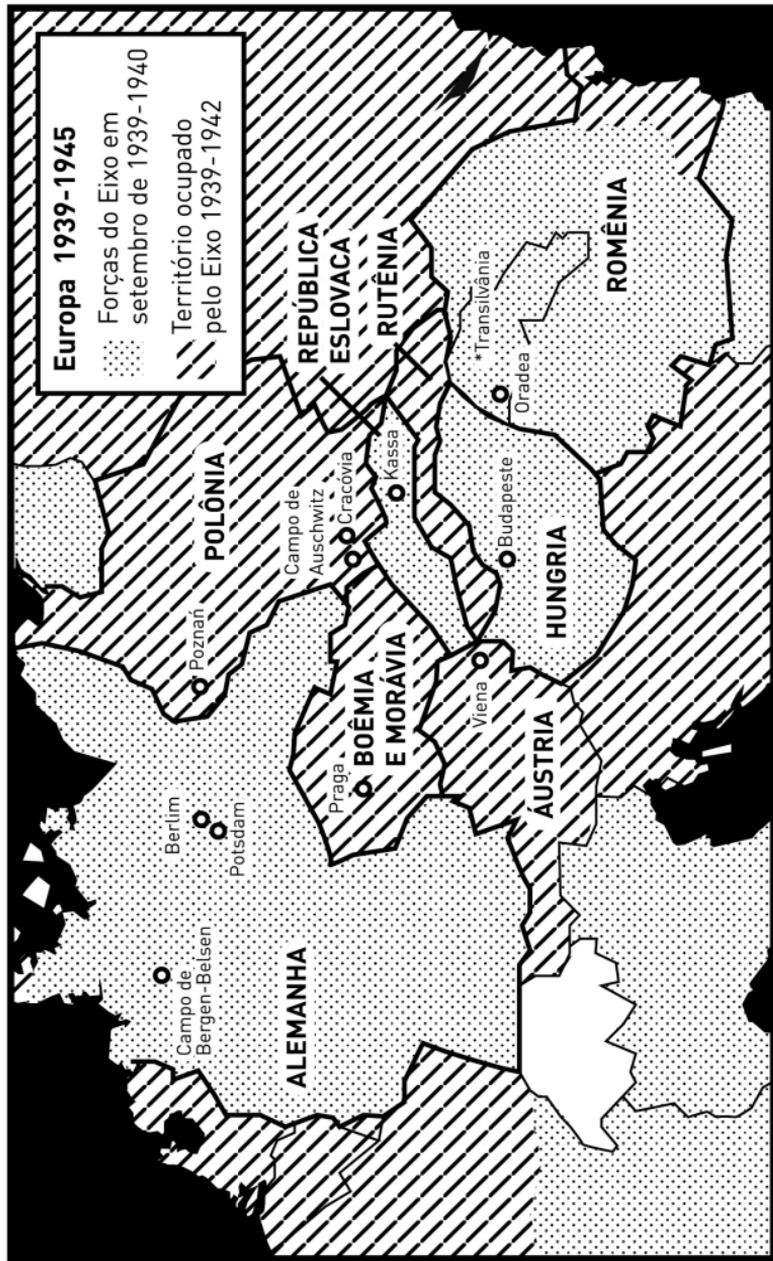
Para Cali.  
Para Maria Yefremov.



*Pensem bem se isto é um homem  
que trabalha no meio do barro,  
que não conhece paz,  
que luta por um pedaço de pão,  
que morre por um sim ou por um não.  
Pensem bem se isto é uma mulher,  
sem cabelos e sem nome,  
sem mais força para lembrar,  
vazios os olhos, frio o ventre,  
como um sapo no inverno.  
Pensem que isto aconteceu.*

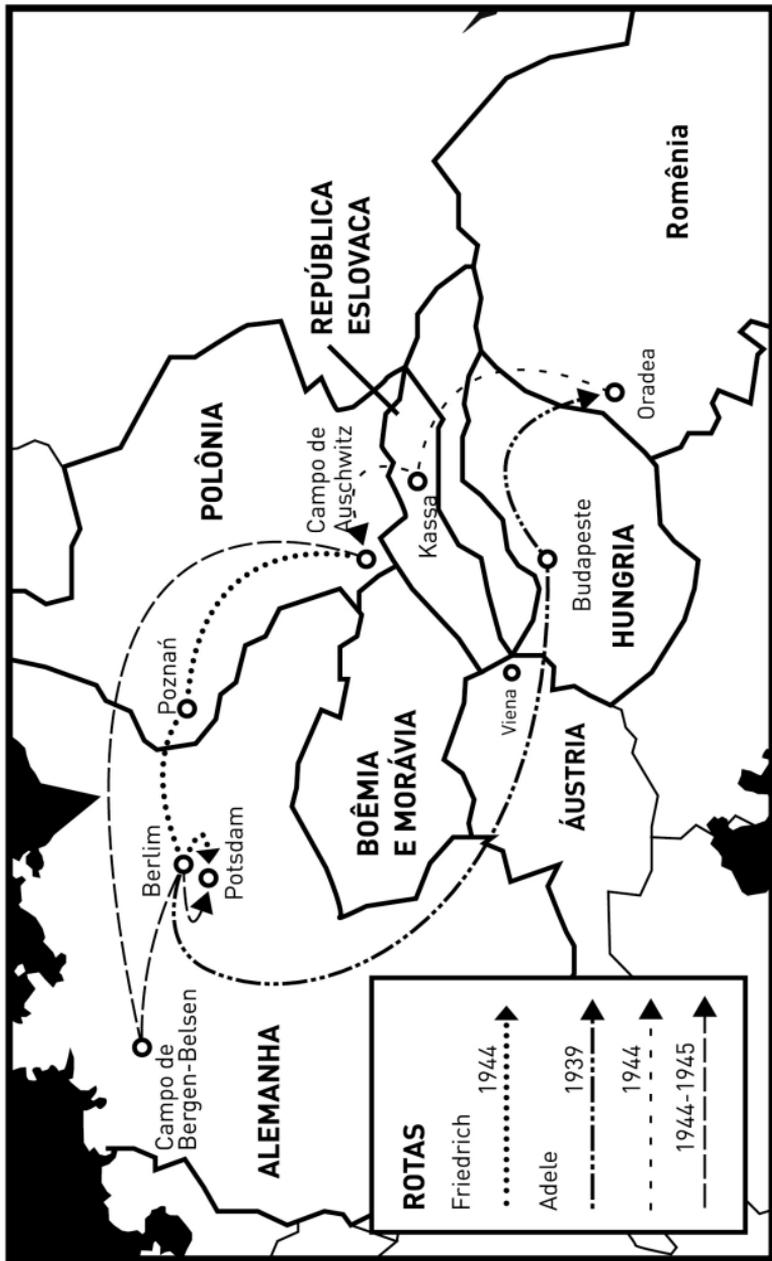
PRIMO LEVI





\* Parte da Transilvânia sob domínio da Hungria a partir de 1940.







†

## O INÍCIO DA LINHA



## Polónia anexada, 2 de outubro de 1944

**O**s faróis baixos iluminavam a estrada sombria, deserta. Friedrich desviava-se de um buraco e outro sem reduzir a velocidade, que, ainda assim, era bem menor do que aquela a que estava habituado. Pilotar era o que melhor sabia fazer, fosse no ar ou em terra. Daí a poucos quilómetros, chegaria a Słubice, na antiga fronteira da Polónia com a Alemanha. Já percorrera mais de dois terços do trajeto, a parte mais difícil.

Ao fundo, entrevia a cabina do posto de comando. Havia passado por patrulhas em Katowice e nos arredores de Poznań. Não precisara de desligar o motor em nenhuma delas. Apenas desacelerar, baixar o vidro, esboçar um sorriso firme, fazer a saudação e tocar, ao de leve, no boné. O *Mercedes* azul-marinho com bancos de couro vermelho, as patentes no uniforme e a cruz de ferro pouco acima do peito eram sinais mais do que suficientes para se saber que se tratava de um oficial importante, apesar da pouca idade. Talvez por isso não estranhassem que ele próprio conduzisse o veículo. Ou talvez aqueles soldados estivessem, simplesmente, cansados.

Friedrich tinha pensado em seguir de comboio para Berlim, a partir de Varsóvia, mas a cidade transformara-se,

dois meses antes, num campo de batalha entre alemães e combatentes da Resistência. Ele fora informado, por um agente da polícia secreta, de que a rendição dos rebeldes aconteceria numa questão de horas. Varsóvia estava um caos, com corpos espalhados por todo o lado. A revolta só não fora bem-sucedida porque os russos, acampados nas margens do rio Vístula, não tinham avançado para auxiliar os combatentes. Os alemães foram salvos por uma manobra egoísta de Estaline. Disso, Friedrich tinha a certeza.

Com as atenções voltadas para o Leste da Polónia, o trajeto para Berlim via Poznań parecia-lhe o mais seguro. Até ao momento, a escolha confirmava-se como acertada. A cada patrulha, erguia o braço direito, elevava o tom de voz no «*Heil Hitler!*» e acelerava para continuar a viagem. Passara, assim, por todos os postos. Evitava estradas secundárias por temer uma emboscada dos *partisans* escondidos nas florestas. O que Friedrich levava no carro era muito precioso e tinha de ser entregue, sem nenhum risco, num endereço em Berlim que já estava gravado na sua mente. As últimas quarenta e oito horas haviam sido as mais intensas da sua vida, e pareciam valer por toda ela. Não importava que russos, britânicos e americanos apertassem o cerco à Alemanha. Muito menos a lesão na vista, provocada por um estilhaço de bomba. Chegar a Berlim tornara-se a sua guerra. E ele venceria, de uma forma ou de outra.

— Não tarda nada, vais encontrar a tua mãe — disse, enquanto voltava a cabeça para a parte de trás do carro.

A frase, impregnada de doçura, não combinava com o momento. No chão, atrás do banco do lugar do passageiro, um cesto de vime — daqueles usados em piqueniques — improvisava um berço. Uma bebé minúscula e rosada, com os dedinhos fortemente cerrados, junto às bochechas, dormia.

Lembrou-se do filho, que tinha quase dois anos, e que ele mal conhecia. Lembrou-se do que vira nos últimos dias. Em que Alemanha iria viver o seu filho? Antes fosse apenas o ónus de uma guerra perdida — já haviam perdido uma. Agora, haveria uma vergonha maior, a de ser alemão. Ele fazia parte daquilo, fora cúmplice. Aquela criança viveria, nem que tivesse de lhe dar a própria vida.

O posto de comando perto da antiga fronteira ganhava, a cada segundo, maior contorno. Friedrich tamborilava no volante com os dedos indicadores. Estava quase lá. Não havia, até ao momento, pensado nas consequências do seu ato. Sentir a vida a pulsar nas suas mãos fizera-o esquecer, por instantes, o que vira nos últimos dias. Se existia Inferno, era aquele lugar. Engoliu em seco e virou novamente a cabeça na direção da criança. Foi então que ela cerrou com força os pequenos olhos e torceu os lábios numa careta. Era o prenúncio do choro. O posto estava cada vez mais próximo, faltava pouco mais de um quilómetro. Por certo, os soldados já se haviam apercebido dos faróis do carro. Não poderia recuar. Nem no ar, nos instantes mais tensos que antecediam os bombardeamentos, se sentira assim, sem saber como agir.

Encostar o carro geraria suspeitas. Até então, a viagem fora tranquila. A bebé dormira embalada pelo trepidar do veículo. Diminuiu a velocidade, o mais que pôde. Já vislumbrava dois ou três vultos na escuridão.

— Por favor, agora não... Por favor, não chores! — Virou levemente a cabeça. — Estamos tão perto! — Falava baixinho, como se implorasse.

— Tens fome? Aguenta mais um bocadinho... — Os apelos eram em vão, mas Friedrich insistia: — Só precisamos de passar por esta patrulha... Já aguentaste tanto...

Como levar um recém-nascido a perceber? Friedrich

começava a desesperar. Imaginava-se a reduzir a velocidade, a baixar o vidro, os gritos da bebé a ecoar no vazio da noite e a ensurdecer os guardas, que o pressionariam a dar explicações. Tinha dúvidas se conseguiria manter a calma. «*Heil Hitler!* Sou o capitão Friedrich Schmidt, estou a caminho de Berlim. É a minha bebé, está com fome, anseia pela mãe, temos pressa!» E já imaginava a reação dos guardas. «Saia do carro! Documentos! Vamos ligar para a central. Está aqui um tipo suspeito.» Seria o fim, para ele. Mas não era em si que pensava. Ele já estava acabado. Jamais voltaria a pilotar um avião. Cada condecoração que, um dia, fora motivo de orgulho era, agora, a prova das mortes que provocara em nome da vaidade e da loucura. Ser superior, predestinado! Fora o que ouvira ao longo dos seus vinte e quatro anos de vida. Jamais saíra da redoma. A família, o partido, o *cockpit* dos caças. Depois dos últimos dias, não conseguiria olhar-se ao espelho e ver em si um homem. E, no entanto, surgira aquela criança no seu caminho. Aquela bebé — somente ela, um ser tão pequenino — ocupava a sua mente, o seu coração, cada milímetro da sua pele, e fazia-o transbordar de algo que não sabia definir. Friedrich, pela primeira vez, sentia amor. Amor genuíno pela vida, na sua expressão mais pura e divina. Aquela criança seria a redenção, mas jamais apagaria o terror que lhe tomava o sono assim que fechava os olhos. Tinha pesadelos todas as noites, desde que chegara àquele centro de horrores. Ali, naquele carro, sentia-se novamente Friedrich, com quinze anos, ansiando pela vida que se apresentava pela frente.

E foi de repente, como que na urgência de um milagre, que elas surgiram. Uma após a outra. As notas musicais dançavam à sua frente, colocando-se, harmoniosamente, lado a lado. Friedrich cantarolou suavemente. E também suavemente, os lábios da bebé, em vez de caírem no choro, foram

relaxando até se acomodarem num singelo sorriso, acompanhado por uma leve respiração. Friedrich continuou a entoar baixinho a melodia até parar o carro ao sinal da sentinela. Baixou o vidro. Mostrou o documento. O soldado bateu continência e ele seguiu. Não saberia precisar quanto tempo decorreria, se foram minutos ou meia hora. Encostou o carro e puxou o cesto para o banco da frente. Com muita delicadeza, envolveu a criança nos braços. Sentiu a vida pulsar, forte, nas suas mãos. Foi Friedrich quem chorou. A bebé abriu os olhos, para os fechar em seguida e aninhar-se no peito dele. E ele cantarolou, uma vez mais, a música que acabara de nascer, para não esquecer.

— *Für Haya*. É para ti.



||

FRIDA



## Berlim, abril de 1999

Uma data especial para os alemães. Ao fim de décadas, Berlim volta a ser, oficialmente, a capital da Alemanha reunificada. É um dia especial para mim. Vou conhecer a avó do meu pai: a minha bisavó Frida. A minha chegada coincide com a reinauguração do prédio do *Reichstag*, a sede do parlamento alemão.

Não é a minha primeira viagem a Berlim, mas é como se fosse. Logo após a queda do Muro, eu e outros alunos da Faculdade de Direito de Lisboa participámos numa excursão informal organizada pelo professor de Penal, um aficionado pelo sistema jurídico alemão, influência maior do sistema português. Ele costumava chamar-me Hafner, «a alemãzinha». Na época, eu nem vinte anos tinha, aquilo não me incomodava nem alterava em nada a minha existência. Nunca comentei com o meu pai, nem em tom de brincadeira, simplesmente porque não se fala sobre o passado alemão dele em nossa casa.

O meu pai considera-se um português pleno, ama o país mais do que se tivesse nascido nele. Chegou a Portugal por volta dos cinco anos, tendo aprendido a ler e a escrever em português. Diz não se lembrar de nada de alemão e nunca se interessou em estudar. Conheceu a minha mãe na faculdade,

no início dos anos sessenta. Apaixonaram-se de imediato. Formaram-se em Direito, tornaram-se militantes, lutaram lado a lado contra o regime de Salazar, foram perseguidos e seguiram para o exílio em Moçambique, onde eu e o meu irmão nascemos. Ele, em 1968. Eu, em 1970. Deram-me o nome de Amália em homenagem à minha avó materna. Não eram fãs de fado. Eu agradeço a ironia, pois, ao contrário deles, adoro o lamento das guitarras que, coincidentemente, aprendi a ouvir com a minha avó Amália. Foi também com ela que comecei a tocar piano, paixão que me acompanha até hoje. Chegámos a Portugal no Natal de 1974, meses depois da Revolução dos Cravos. O meu pai naturalizou-se. Queria exercer o direito democrático do voto.

Com Gretl e Helmut, os meus avós paternos, não temos a menor ligação, nunca tivemos. Nós fomos morar para Lisboa, eles viviam numa cidade pequena no Algarve. Lembro-me vagamente da primeira e única vez que os vi, depois de chegarmos de Maputo. Lembro-me de uma discussão, um punho a bater na mesa, eu e o meu irmão a construir uma estrada com um baralho velho sobre o tapete da sala. A seguir, a minha mãe a aproximar-se, a levantar-nos pelos braços e a sussurrar, apressada:

— Despeçam-se do avô e da avó, vamos para casa. — Fosse em qualquer outro lugar ou momento, teríamos feito a cara que antecede o choro, mas, ali, naquele instante, percebemos que algo muito sério acontecera. Levantámo-nos e partimos. Nunca mais nos encontramos com os avós Gretl e Helmut. Jamais se comentou este dia.

Como já disse, em minha casa não se fala sobre o passado, sobre a Alemanha, muito menos sobre o Holocausto. Não que seja um tabu. Simplesmente, não é assunto. Na escola, não havia judeus. São pouquíssimos em Portugal. Quando a Segunda Guerra Mundial entrou no programa de estudos, eu

preferia tocar piano, ouvir música e organizar protestos estudiantis, para orgulho do meu pai, que, ao contrário de outros, incentivava os meus ideais anarquistas.

Venho ao encontro de Frida sem que o meu pai saiba. Frida completará cem anos daqui a uns dias, um século vivido no século xx. Falámos ao telefone, de manhã, e ela marcou encontro numa morada elegante de Berlim: o bar do Hotel Kempinski, na avenida Kurfürstendamm — ou simplesmente Kudamm —, a rua mais badalada do lado oeste da cidade.

Chego com duas horas de antecedência. Tempo mais do que suficiente para percorrer a larga avenida com as suas lojas de marca, restaurantes, cafés. Aguardo o anoitecer. O nosso encontro está marcado para as sete e meia. Recordo, mais uma vez, a primeira viagem a Berlim, com a turma da faculdade. Naquela mesma avenida, Kudamm, estávamos em julho de 1990. Em pleno verão, a viagem foi, mais do que tudo, diversão. Berlim era o coração da música eletrónica, a batida *techno* pulsava nos clubes noturnos. Os dois lados da cidade uniam-se depois de tantas décadas divididos pelo Muro, e muito além dele. Mas, a mim, nada disso interessava. Muito menos o que acontecera antes da separação. Eu queria ir para as festas que transformavam os barracões e fábricas abandonados em altares de *raves*. Eu encontrara-me há nove anos naquela mesma avenida, a dançar com centenas de pessoas ao som de DJ que conduziam *pickups* e carros abertos. A cidade era uma festa. Eu era jovem e o passado não importava.

Voltei dessa viagem a achar Portugal retrógrado. Eu queria morar na Alemanha, dar um tempo ao Direito e estudar música. A *techno* alemã tinha referências eruditas a compositores contemporâneos, como Stockhausen. Era diferente, ousada. Eu tinha formação de piano clássico. Voltei decidida a deitar a mão à minha cidadania alemã. A viagem a Berlim — uns meros

quatro dias — já fora motivo de discussão em casa. O meu pai fora contra. Não que tivesse de me dar permissão, eu era maior de idade. Precisava do patrocínio dele. A minha mãe intercedeu e ele acabou por dar o dinheiro. Na época, não me deu nenhum motivo concreto. Dizia apenas que achava um desperdício, um desperdício de dinheiro. Quatro dias em Berlim? Por certo, iríamos enfiar-nos em bares, pela madrugada fora, e parecer *zombies* nas visitas guiadas pelo professor. Voltaríamos trazendo na bagagem apenas sono atrasado. Poderíamos fazer tudo isso em Lisboa e sairia mais barato, frisou ele, depois de preencher o cheque e sair, batendo com a porta do escritório.

Ele tinha razão. Foi exatamente o que fizemos. Com a diferença de que, por alguma razão que hoje começo a entender, voltei com a irresistível vontade de viver em Berlim. Mas isto não partilhei com ele. Guardei os meus planos para mim. Comecei a estudar alemão com tanto afincamento que, ao fim de um ano, já dominava a língua. Não parei. Ao mesmo tempo, foi crescendo o meu interesse pelas causas ligadas aos direitos humanos e aos fluxos migratórios que começavam a surgir com a abertura do Leste Europeu. E, assim, o sonho de largar tudo e dedicar-me à música *techno* pareceu-me a maior palermice de todos os tempos. O que eu gostava mesmo era das dedilhadas clássicas. E também devo admitir: eu amava o meu país e, tal como os meus pais, iria lutar por um governo mais justo e igualitário.

Decorreu quase uma década. Formei-me, fui morar sozinha, fiz mestrado e doutoramento em Direito Internacional, criei uma ONG dedicada a refugiados de zonas em conflito em África. Estou sempre a viajar, mas nunca mais voltei a Berlim. Estive duas ou três vezes na Alemanha, sempre em conferências noutras cidades. O piano, continuo a tocar quase todos os dias. A música ainda é uma grande paixão. A vida seguiria assim, mergulhada no trabalho que adoro, entre um

namoro e outro, voando para cá e para lá, não fosse eu ter aparecido sem avisar, em casa dos meus pais, numa tarde de março, há pouco mais de um mês.

Tenho a chave da casa, embora não more lá há anos. É uma segurança para eles, que também viajam muito, e para mim, quando preciso do ninho. Naquela tarde, especificamente, fui à procura de um livro, já nem me lembro de qual, para emprestar a um amigo. Passava das quatro horas da tarde, certamente não estaria ninguém. Os meus pais moram no Campo de Santana e o escritório deles fica a alguns quarteirões, na avenida da Liberdade. Têm o hábito de almoçar em casa. Cícera vai lá três vezes por semana — quando ainda morávamos lá, eu e o meu irmão, ia cinco vezes. Aspira milimetricamente as divisões, espana os móveis e passa uma flanela seca nos livros. *Bartô* morreu há três anos, mas é como se os pelos dele continuassem pelos cantos. Aquela tarde de março não era dia de Cícera.

Entreí afogueada no apartamento, estava com pressa. Respirar o silêncio acalmou-me. «*Hello*, alguém em casa?» A resposta foi mais silêncio. Dirigi-me diretamente ao quarto que continua meu. É um apartamento grande, com três quartos e um escritório anexo à sala. Os quartos são isolados da área comum por um corredor que começa num pequeno *hall* onde há uma extensão de telefone. Olhar para o aparelho fez-me lembrar de uma chamada que precisava de fazer ao ginecologista. Precisava de adiar a consulta marcada para dali a dois dias. Não adiei. Quando levantei o bocal, ouvi a voz do meu pai. Com certeza, estaria no escritório, com as portas fechadas. Daí não me ter ouvido entrar. A reação imediata seria pousar o telefone. Não o fiz. Os meus dedos congelaram e sustive a respiração. O meu pai falava em alemão fluente e perfeito com uma mulher. Era a minha avó Gretl. O meu pai só se referia a ela pelo nome, não lhe chamava mãe.

O diálogo entre ele e Gretl era seco, em tom moderado. As pausas de ambos levaram-me a tapar o bocal algumas vezes para que não se apercebessem de uma terceira respiração. Eu entendia perfeitamente o alemão, mas o teor da conversa era confuso. O que estava a passar-se? Quem eram aquelas pessoas de que eu nunca ouvira falar? «A Ingeborg morreu, viúva de um industrial, não tiveram filhos, a Frida está sozinha.» Gretl soltava as informações, em doses insignificantes, sem qualquer emoção, para um interlocutor igualmente apático. «A Ingeborg é que manteve a Frida por todos estes anos», prosseguia ela. «Agora, só restas tu.» Mais uma intervenção sem resposta, até que ela subitamente deu corpo à voz, como se tivesse perdido a paciência. «Hermann, a Frida faz cem anos em breve e quer ver-te.» Direto, com a mesma entoação controlada com que falava com os clientes — bem diferente dos repentes que tinha comigo e com o meu irmão —, o meu pai respondeu: «Sinto muito, Gretl, não tenho nada a ver com essa gente. Não pertenço a essa corja.»

Gretl rebateu, alterada: «Corja? Eu não admito que fales assim. A Frida quer ver-te! Nunca vais perceber? Nós não somos culpados de nada! O teu avô, o teu pai, eram oficiais! Cumpriam ordens! Lutaram para construir um país melhor para ingratos como tu.» Mais um silêncio e nova resposta do meu pai. «Eu não vou alinhar nesta discussão. Diga a verdade à Frida. Diga que já não temos contacto, que reneguei a família, diga o que quiser.» Gretl tentou, mais uma vez. «Eu só voltei a procurar-te, meu filho, porque a Frida me contactou ao fim de décadas. Ela tem tido pesadelos com o Friedrich. A Frida não quer morrer sem falar contigo sobre ele.» Gretl continuou, com um tom ferino. «Tu, que te intitulas um defensor de causas humanitárias, sê humano com uma pessoa que há de morrer em breve! Achas que foi fácil pegar no

telefone e ligar-te? O meu único filho não fala comigo há mais de vinte anos! Culpa-me por um passado que não escolhi!» À última frase seguiu-se um silêncio de segundos que pareceu uma eternidade. O meu pai suspirou e respondeu, mais uma vez, sem dar sinais de mudar de opinião: «Gretl, a resposta é não, não vou procurá-la, não vou discutir consigo. A minha família são a minha mulher e os meus filhos.»

Antes que ele desligasse, Gretl fez uma última tentativa. «Faz o que achares que deves fazer. Sempre foste assim. Só te ouves a ti próprio. De qualquer forma, vais anotar o número dela. A Frida ainda mora em Berlim. Vais anotar o número. Vou dizer à tua avó exatamente o que me disseste. Mas, fica com o contacto dela. Quem sabe, mudas de ideias.» E começou a ditar os números do telefone, repetindo-os a seguir, bem devagar, para se certificar de que o meu pai anotara. Para mim, foi automático. Peguei numa caneta na gaveta do móvel e escrevi nas costas da mão. Os dois despediram-se com frieza, sem promessas de novo contacto, nem cumprimentos à família. Esperei que o telefone fosse pousado no gancho e de imediato baixei o meu.

O meu primeiro impulso foi o de invadir o escritório e metralhar o meu pai com perguntas: «Quem és tu, afinal? Porque omites o passado alemão? Porque é que nunca nos falaste da Frida? Quem são a Ingeborg e o Friedrich?» Mas não o fiz. Peguei na carteira e saí sem fazer barulho.

Agora, pouco mais de um mês depois daquela tarde, estou em Berlim. Daqui a poucos minutos, vou encontrar-me com Frida. O meu pai nunca soube que estive no apartamento naquela tarde. Muito menos que liguei para a avó dele e marquei o encontro. Caminho com passos apressados em direção ao Hotel Kempinski. Quanto mais perto chego, mais medo sinto. Vou ao encontro do passado. E o passado não se pode alterar.

O Hotel Kempinski era um marco para a cidade de Berlim. Também era um marco para Frida. Ficava na esquina da avenida Kurfürstendamm com a Fasanenstrasse, a poucos metros da antiga casa dela. Ainda costumava referir-se ao local como «seu prédio», embora já não morasse lá. Fora um dos poucos que resistira no meio dos escombros que se tornou a Kudamm depois dos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. A sua atual morada também era próxima, só que bem mais modesta. Ficava a duzentos metros da portaria do hotel, junto à linha do elétrico. Frida não se importava. Queria estar perto do «Kempi», local que frequentava desde antes da guerra e da devastação da cidade. Continuava assídua frequentadora, almoçando lá uma ou duas vezes por semana. Recordava-lhe a época em que o mundo era o quarteirão onde vivia.

Frida estava sentada numa mesa de canto, no Bar Bristol, quando Amália entrou. Foi fácil identificar a bisneta. Era uma versão feminina, morena, de Friedrich. Os mesmos traços do filho, e dela também. Levantou-se, apoiando os dois braços na mesa. Cumprimentaram-se com um aperto de mão. Frida sentiu vontade de a abraçar.

— É a filha do Hermann. — A voz saiu embargada. — Desculpe, a última vez que vi o seu pai, ele tinha cinco anos. — Fez uma pausa. — Talvez já seja avô, também... Você tem filhos?

Amália respondeu abanando a cabeça em negação ao mesmo tempo que se dirigia para a cadeira em frente. Frida tocou levemente no braço dela e apontou a cadeira ao seu lado.

— Sente-se perto de mim. O tempo é implacável com a audição e a visão.

Ela sentou-se. Sorriu ao de leve. Fez um elogio sobre a aparência de Frida. De certa forma, o gelo tinha sido quebrado.

— O seu telefonema foi uma surpresa para mim, principalmente depois de a Gretl ter dito que o Hermann não me iria procurar. Como está o seu pai?

Amália abriu a mochila e retirou uma fotografia recente da família. Frida pegou na lupa que costumava trazer na carteira e seguiu com o olhar o dedo de Amália, que percorria a fotografia.

— Este é o Hermann. — Apontou para o homem alto e grisalho no lado esquerdo da foto. — Ao lado dele, está a Helena, a minha mãe. Esta sou eu e este é o Miguel, o meu irmão. O Miguel tem um filho de dois anos, chama-se Pedro.

A seguir, calou-se. O alemão de Amália era perfeito. Pediram dois copos de vinho tinto e algo para comer. Conversaram sobre coisas triviais.

— O seu alemão é esplêndido! — fez questão de frisar Frida. Amália falou do interesse pela língua, da visita anterior a Berlim, logo após a queda do Muro, do trabalho como advogada, da paixão pela música, da vida em Portugal. Mal tocaram na bebida e na comida. Frida contou-lhe a história do «Kempi». Antes da guerra, funcionava ali o maior restaurante de Berlim,

com quatrocentos lugares. A reconstrução, no início dos anos cinquenta, transformou-o no primeiro hotel de luxo no lado ocidental da cidade já dividida, mas ainda sem Muro.

— Foi o sinal de que Berlim poderia renascer das cinzas — destacou ela.

Frida citou os bombardeamentos como se fossem algo que pertencesse apenas à História. Nada contou sobre a aflicção, o horror, a sensação curta de alívio do corpo inteiro e intacto depois de cada ataque. Não falou do zumbido que entupia os ouvidos, da surdez momentânea, dos gritos sem som, dos rostos encardidos de poeira, dos olhos agonizantes. Muito menos das violações quando os russos tomaram Berlim. Limitou-se às estatísticas.

— Foram mais de trezentos bombardeamentos. Nos primeiros anos, os alvos eram militares. Depois, passaram a ser civis. Berlim rendeu-se no início de maio, poucos dias antes da capitulação final, no dia 8.

Fez uma breve pausa. Aquele dia estaria para sempre associado ao seu marido e ao que ele fizera. Mas, isso, ela deixaria para mais tarde.

— A devastação era geral — continuou. — Quase metade da população tinha deixado Berlim ao longo daqueles seis anos. A cidade foi dividida em quatro secções, administradas em conjunto por americanos, ingleses, franceses e soviéticos. Mas não funcionou... No início dos anos sessenta, o Muro foi construído, tornando, literalmente, concreta a divisão dos lados capitalista e socialista.

Não havia diálogo. Era um monólogo. Só Frida falava. Fria e superficial. Informações sem importância. Aliás, fora nisso que se tornara: um depósito de informações para preencher conversas que não resistiam ao silêncio ou à franqueza. Amália não estava ali para saber o que os livros contavam.

— Mas não veio aqui para ter uma aula de História. — A voz adquiriu firmeza, já não era a simpática senhora de conversa trivial. — E nem foi para isso que tentei contactar o Hermann, depois de tantos anos.

Amália cingiu os lábios e soltou um longo suspiro. Havia tanto de Friedrich nela que Frida teve de se segurar para não a abraçar e encher de beijos. Como sentia saudades do filho. Em vez disso, pegou nas mãos de Amália e convidou-a para ir a sua casa. Fez questão de pagar a conta. Levantaram-se e atravessaram o bar que dava para o átrio do hotel. Frida acenou para os funcionários com a cabeça e seguiram para a rua. O braço direito apoiado na bengala. O esquerdo, apoiado em Amália.

\*

Cruzo a porta do bar do Hotel Kempinski às sete e trinta e cinco da noite. Cinco minutos depois da hora marcada. O bar ainda está a abrir. O local ainda se encontra vazio, exceto pela mesa encostada à parede, no lado oposto à porta.

Lá está ela. Daí a poucos dias, completará cem anos. «Um século», disse-me ela ao telefone. A imagem não me larga por uns segundos. Gravo-a na mente. Ela ainda não me viu. Por isso, consigo observá-la sem que se sinta notada. O cabelo prateado, certamente dourado no passado, está preso num coque com alguns fios soltos, que tenho a certeza terem sido milimetricamente pensados. A postura é elegante, apesar da coluna já um pouco curvada pela idade. Está vestida com tons pastel, que combinam com a primavera. Uma *écharpe* branca envolve o longo pescoço, o que lhe dá um ar altivo.

O meu pai tem algo de Frida. Eu também devo ter. Embora ele seja louro e eu morena, somos parecidos fisicamente. Ao

ver-me, levanta-se. É impossível acreditar que fará cem anos. Eu dar-lhe-ia uns oitenta e poucos. Pede que me sente ao seu lado. Digo-lhe que não aparenta a idade que tem. Responde que o segredo é tomar um limão espremido em meio copo de água morna, todos os dias, em jejum, e caminhar pelo menos quarenta minutos, seja inverno ou verão.

Reparo no aparelho auditivo no ouvido. A pele bem branca, com manchas escuras da idade, tem mais rugas de expressão do que do tempo. Parece macia. Dá vontade de tocar. A voz, ainda forte, sai um pouco baixa, talvez porque a controle. Pessoas com problemas de audição tendem a falar mais alto. Frida entabula uma conversa com assuntos gerais onde eu só me manifesto quando ela pergunta algo. Presto pouca atenção, pois interessa-me observá-la. Frida é minha bisavó. Tem quase cem anos, e eu viveria talvez até aos cem sem saber da existência dela, não fosse ter interceptado aquele telefonema. Não acredito em coincidências. Frida é guardiã da minha história, mas fala sem parar da História. Vê-se que é velha conhecida do «Kempi» — como se refere ao hotel — pelo modo atencioso como todos a tratam. Não me interessa o que ela diz, apenas o prazer de a ouvir.

A comida à nossa frente permanece praticamente intocada. O vinho também. Em alguns momentos do relato, percebo o sofrimento nos seus olhos apesar do tom impessoal do discurso. Quando começaremos realmente a conhecer-nos?, questiono-me. Quem são Ingeborg e Friedrich? Frida parece ler os meus pensamentos. «Não veio aqui para ter uma aula de História... nem foi para isso que tentei contactar o Hermann, depois de tantos anos», diz ela, de repente. A seguir, convida-me a ir ao seu apartamento, que fica perto.

Pedimos a conta. Faço menção de pagar, mas ela adianta-se. Ajudo-a a levantar-se. É magra, veste calças compridas

e sapatilhas sem salto. É só um pouco mais baixa do que eu. Intuo que deveria ter mais de um metro e setenta quando jovem. Saímos do hotel com passos curtos, mas precisos. Ela apoia-se no meu braço e a bengala faz o serviço do outro lado. Diz que me quer mostrar algo antes de seguirmos para a casa dela. Vamos até à esquina para atravessar a rua. «Conhece Paris? A Kudamm é a Champs-Élysées dos berlinenses», destaca com um sorriso contido enquanto me lança um sem-fim de informações sobre a larga avenida com mais de três quilómetros e meio de extensão, e que fora, nos anos vinte, o coração da vida noturna de Berlim. Fala da charmosa vizinhança de Charlottenburg, do jardim zoológico totalmente urbano e, por fim, da Gedächtniskirche, a igreja nunca restaurada. As ruínas, ao fundo da rua, são a lembrança permanente da destruição causada pela guerra. «Como se precisássemos das ruínas para lembrar.» A frase sai num sussurro. Ficamos a observar, em silêncio, a torre danificada. Eu quero tanto saber o que se passa na cabeça dela. Frida presenciou os bombardeamentos. E eles devem estar cada vez mais presentes, já que a minha avó Gretl citou pesadelos noturnos. Quem são exatamente estas pessoas que o meu pai cortou da sua vida?

Por medo ou alienação, nunca pensei conscientemente no peso de um passado nazi. Depois de ouvir Gretl dizer que o meu avô foi um oficial, que cumpria ordens, não mergulhei na questão. Mas agora, junto a Frida, o «oficial» toma proporções diferentes. Ando lado a lado com a minha bisavó, uma pessoa que viveu, sentiu na pele, a guerra. Aqui começa o meu pesadelo.

De súbito, recordo os primeiros anos do liceu, em Lisboa. Havia um ou outro filho de exilados, como eu, mas, na maioria, os colegas tinham pais que haviam procurado manter-se distantes da política durante a ditadura de Salazar. E havia

Matilde, a minha melhor amiga. Morava dois prédios a seguir ao nosso. Era divertida e muito conversadora, a minha companheira de aventuras, íamos juntas para as aulas, voltávamos juntas, estudávamos juntas, brincávamos juntas. Na minha casa ou na dela.

Até que, um dia, andávamos por volta dos treze anos, decidimos fazer um pacto de amizade, daqueles que só fazemos quando crianças. Tínhamos de contar um segredo que guardaríamos para sempre. O meu, nem me lembro qual foi. O dela, lembro-me bem. Matilde era filha única, morava com a avó e o pai. A mãe morrera quando ela tinha dois anos. Ao contrário do meu pai, o dela era um tipo baixinho e brincalhão que nos levava a comer gelados à Santini, em Cascais, nas tardes de domingo. Ele deixava-nos ver televisão, comer e dormir à hora que quiséssemos. Eu adorava o pai de Matilde. Não estabelecia regras, bem diferente do que acontecia lá em casa. Eu amava os meus pais, mas sentia, muitas vezes, que a rigidez e a militância os impediam de se soltarem connosco.

O facto é que Matilde me contou o seu segredo, do qual nem ela sabia bem o significado. Algo que ela ouvira sem querer e o pai a fizera jurar que jamais contaria a alguém. E ela quebrava a jura com a sua melhor amiga: eu. Era a maior prova de confiança que podia dar. Matilde era filha de um ex-agente da Pide, a temida polícia política portuguesa. Eu sabia o significado. O pai de Matilde havia sido um torturador. Foi a minha conclusão imediata. A palavra Pide era sinónimo de tortura. «Pides torturadores» — passei a vida a ouvir. Ainda em Moçambique, era eu bem pequena, a minha mãe tinha sonhos horríveis e acordava aos berros. Os Pides torturaram os meus pais. Por causa dos Pides, foram obrigados a fugir de Portugal para o exílio em África. «Esses desgraçados vivem livremente por aí, cobardes anónimos, como se não tivessem feito nada!

O que passam para os filhos?! Criam pequenos carrascos?!» O meu pai esbravejava quando, uma vez por outra, um ex-agente era reconhecido e, na realidade, nada acontecia. Não contei sobre o pai de Matilde. Tornou-se, também, o meu segredo. Eu resolveria à minha maneira. Passei a ignorá-la. Deixei de me sentar ao lado dela na escola, já não íamos juntas, nem voltávamos. Também deixei de frequentar a casa dela e arranjei uma nova melhor amiga, Inês. Insistia em mostrar a maior cumplicidade quando Matilde se aproximava. Ela mendigava a minha amizade, não entendia o porquê do afastamento, justamente depois de um pacto de amizade eterna. Eu dizia que ela estava com a mania da perseguição, que as pessoas podiam ter mais de um amigo, e deixava-a a falar sozinha. As crianças sabem ser cruéis. Aos poucos, Matilde foi-se afastando. Eu sentia a falta dela, ela era a minha melhor amiga. No ano seguinte, já não estava lá. Mudou de escola. Reencontrámo-nos uma única vez, anos mais tarde, numa viela em Alfama, numa noite de Santo António. Cada uma com o seu namorado. No meio da multidão que nos comprimia, da música que soava estridente das caixas penduradas nas janelas, abraçámo-nos, trocámos telefones, prometemos ligar. Jamais cumprimos a promessa. Os nossos olhares não se cruzaram. Eu não conseguia encará-la, embora sentisse os olhos dela em mim. Senti vergonha. Afinal, porque é que me afastei de Matilde? O motivo foi o pai dela ter sido da Pide? O que tinha ela a ver com isso? Neste momento, lembro-me dela. Estou prestes a conhecer o meu passado com a mesma pergunta: o que tenho, afinal, a ver com ele?

Caminhamos alguns metros até parar diante de um edifício cor de areia, de quatro andares mais o rés do chão, com janelas longas de um tom verde-musgo. Está bem conservado e dá para perceber que foi restaurado, embora mantendo a fachada clássica.

— Morei aqui durante mais de vinte anos. Mudámos quando o Friedrich e a Ingeborg ainda eram pequenos — conta-me ela, apontando para as janelas do terceiro andar. — O seu pai nasceu aqui. O meu filho e a Gretl vieram morar connosco logo depois de ela ficar grávida do Hermann. Era um apartamento enorme... ainda é. — A voz de Frida vai diminuindo lentamente.

Eu já nada ouço. Gretl é casada com Helmut. Apesar de os ter visto uma única vez, sei que Gretl e Helmut são os pais do meu pai. De repente, quase com trinta anos, percebo que o meu passado foi construído sobre suposições e mentiras. O meu pai não falava sobre a sua vida antes de Portugal. Não tínhamos contacto com ninguém da sua família. A minha cabeça dá voltas e voltas.

Frida, ao reparar na minha palidez, pergunta se me sinto bem. «Deve estar cansada da viagem... Talvez prefira voltar amanhã.»

Não respondo. Como posso sentir-me bem? Até há pouco mais de um mês, não fazia ideia da sua existência! O meu pai trancou o passado e deitou a chave fora. Eu vim procurá-la porque ouvi, por acaso, a conversa dele com Gretl, que mal conheço! Tenho quase trinta anos e só vi os meus avós uma única vez! Achava que ela fosse mãe de Helmut, ou de Gretl, já não sei o que pensar... Quando dou por mim, estou deitada no sofá da sala de Frida.